

GUARDIOES

DO MONUMENTO NATURAL ESTADUAL SERRA DAS TORRES



LAURO DA CUNHA NARCISO



2025

TEXTOS E FOTOGRAFIAS

LAURO DA CUNHA NARCISO

COLABORAÇÃO

GILBERTO PAVAN NARCISO

DESIGN

EVERTON SOUZA/ EDITORA NATURALISTAS

PARTICIPANTES

ÂNGELO GASPARELO

ANTÔNIO GASPARELO “TOTONHO”

ANTÔNIO RENATO BETTERO

CARLOS RENATO SANTANA

CLÁUDIO EVANES BETTERO CÂNDIDO

CRISTIANO DE OLIVEIRA

DANIELLE VARGAS RODRIGUES

EDILZA GASPARELO

FERNANDO BRITO ABREU

IVONETE FURTADO DE ALMEIDA

JOÃO BATISTA MACHADO

JUCI PEREIRA DE ALMEIDA

LUAN CORDEIRO BORTOLOTTI

LUIZ ÂNGELO BETTERO

LUIZ CLÁUDIO DE SOUZA

MANOEL DA CÂMARA MENDES

RAFAEL DOS SANTOS

ROOSEVELT DO ESPÍRITO SANTO CÂNDIDO “SR. RUI”

ROSALINA MARIA BARBOSA ROSA

SELMA MARIA PALÁCIO











AGRADECIMENTOS

Este livro é uma homenagem às pessoas que vivem no território do Monumento Natural Estadual Serra das Torres e zelam pelas majestosas montanhas que emolduram a paisagem e abrigam uma rica biodiversidade.

Ao longo de quase duas décadas, desde os primeiros estudos para a criação da unidade de conservação, algumas pessoas destacaram-se pelo empenho e amor à natureza. Em especial, homenageamos o Sr. Manoelino, da comunidade do Córrego do Boa Vista (Mimoso do Sul), e o Sr. Avelino, da comunidade do Vale do Moitão do Sul (Atílio Vivácqua), pelas contribuições inestimáveis na preservação do território e para criação do Monumento Natural Estadual Serra das Torres.



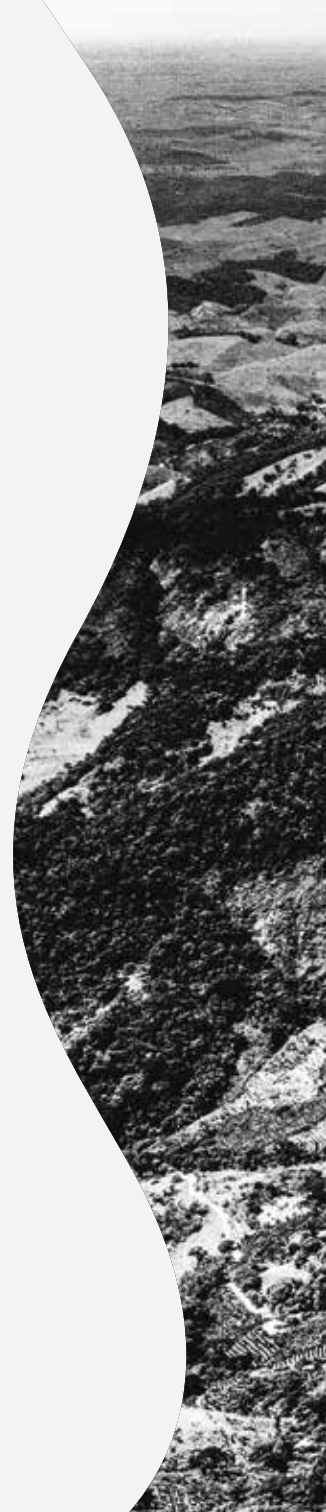


APRESENTAÇÃO

Desde o ano de 2020, o acordo de cooperação entre a Vale S.A. e o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) proporcionou o desenvolvimento de atividades de monitoramento e educação ambiental de forma contínua na unidade de conservação.

Como parte desta parceria, em 2024, foi lançada a publicação “Preservando o Nosso Quintal: Monumento Natural Estadual Serra das Torres”, que destaca a biodiversidade e as paisagens ainda pouco conhecidas.

O presente livro, “Guardiões do Monumento Natural Estadual Serra das Torres”, integra essas ações, reunindo relatos sobre o passado, do período da criação do Monumento e as perspectivas para o futuro da região, sob a ótica dos moradores. O objetivo é valorizar as pessoas, a história local e as singularidades deste território tão especial, onde se vive rodeado de paisagens incomuns.











- 01 - Antônio Gasparelo "Totonho"
- 02 - Edilza Gasparelo
- 03 - Ângelo Gasparelo
- 04 - Cristiano de Oliveira
- 05 - Ivonete Furtado de Almeida
- 06 - Juci Pereira de Almeida
- 07 - Luan Cordeiro Bortolotti
- 08 - Selma Maria Palácio
- 09 - Danielle Vargas Rodrigues
- 10 - Rosalina Maria Barbosa Rosa
- 11 - Carlos Renato Santana
- 12 - Manoel da Câmara Mendes
- 13 - Fernando Brito Abreu
- 14 - Roosevelt do Espírito Santo
Cândido "Sr. Rui"
- 15 - Luiz Ângelo Bettero
- 16 - Antônio Renato Bettero
- 17 - Cláudio Evanes Bettero Cândido
- 18 - Luiz Cláudio de Souza
- 19 - João Batista Machado
- 20 - Rafael dos Santos

-  Guardiões
-  MONAST
-  Zona de amortecimento
-  Limites municipais



O MONUMENTO NATURAL ESTADUAL SERRA DAS TORRES

Os primeiros estudos que indicaram a necessidade de uma unidade de conservação na Serra das Torres datam do início da década de 1990. Em 2006, o Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA) e o IEMA conduziram pesquisas para embasar a criação do Monumento. Muitos moradores ainda guardam na memória as visitas dos pesquisadores, com histórias e uma amizade que perdura até hoje.

Os resultados desses levantamentos foram apresentados às comunidades, juntamente com a proposta de criação do Monumento. À época, alguns temiam possíveis desapropriações e que os moradores tivessem que deixar suas terras. No entanto, através de encontros, debates e apresentações públicas, as dúvidas foram esclarecidas e os caminhos para a conservação começaram a ser construídos coletivamente, desaparecendo as incertezas e os medos sobre o futuro dos proprietários dentro do Monumento.

No dia 14 de junho de 2010, foi oficialmente criado o Monumento Natural Estadual Serra das Torres (MONAST), com 10.458,90 hectares, nos municípios de Atílio Vivácqua, Mimoso do Sul e Muqui. É a maior unidade de conservação estadual de proteção integral do estado do Espírito Santo e a última a ser criada pelo governo estadual.

As pesquisas provam a relevância do MONAST, incluindo registros de espécies criticamente ameaçadas de extinção e até mesmo revelando espécies novas, desconhecidas pela ciência. Neste sentido, um momento importante foi o registro da passagem de uma onça-pintada, após quase três décadas sem avistamentos na região. Essa mesma onça foi posteriormente identificada na Reserva Biológica de Sooretama, no norte do estado.

Além de sua biodiversidade impressionante, a região possui grande potencial para o ecoturismo, pela sua paisagem e a produção de cafés especiais, graças às variações de clima e topografia. Esses atributos, aliados à rica cultura local, reforçam a importância de conservar e valorizar o Monumento Natural Estadual Serra das Torres.





GUARDIOES

DO MONUMENTO NATURAL ESTADUAL SERRA DAS TORRES

Este livro, “Guardiões do Monumento Natural Estadual Serra das Torres”, apresenta pessoas que mantêm viva a relação com este território. Evidencia a força e a riqueza cultural da região, retratando histórias de vidas marcadas pelo trabalho, fé e amor pela natureza.

Os relatos mostram como os laços entre as comunidades são fortalecidos por relações de amizade e parentesco, mantidas desde os tempos em que atravessar as montanhas para festas, trabalhos, compras ou estudos eram parte do cotidiano.

Durante as entrevistas, ficou evidente o vínculo profundo entre cada morador e a sua terra. Com os olhos marejados de emoção, muitos compartilharam histórias de luta e resiliência. Alguns, filhos da terra, nasceram contemplando as montanhas, outros chegaram em busca de trabalho na exploração madeireira e, também, os que foram atraídos pelo Monumento e o consideram uma entidade viva, guardiã das florestas e das águas.

Um ponto em comum é a percepção de que o Monumento Natural Estadual Serra das Torres pode contribuir no estímulo ao turismo, na melhoria dos acessos e como espaço para atividades educacionais, culturais e de sobrevivência financeira.

O que percebemos, pelos relatos, é que todos são guardiões desse território: cuidando de suas áreas verdes, garantindo uma produção agrícola de qualidade e mantendo viva a cultura e a história da região.









Essa folia de reis começou nos anos de 1940, na comunidade de Palmeira.

Era cantada com outros mestres antigos, mas, aí, depois eles “idearam” de sair por conta própria. Porque acontecia muito naquela época e como hoje ainda acontece, de chover muito. Às vezes, um mestre morava lá no Sumidouro e eles tinham folia na Palmeiras. Aí o mestre não podia vir e não tinha mestre para cantar. Aí, meu tio Nerval conseguiu um exemplar da Bíblia para ir praticando, estudando e fazendo as estrofes. Os versos que cantam é tudo da Bíblia. É tudo tirado da Bíblia. E de resto é muita emoção. Quando você vai cantar então, é muita emoção. O modo da música, a tua área de cantar, tudo faz mexer com a gente.

Em 18 de novembro de 1966 chegamos aqui. Eu nasci em Palmeiras, que é para o lado de cá. O problema não era ir, era voltar. Ali tinha um grande feixe que era mata, um capoeirão antigo que já tinha sido habitado há mais de setenta, oitenta anos atrás. Aí meu tio falava assim: ó, você vem para cá para a folia. Aí nós íamos na festa. Descia a serra e ia. Muitas das vezes eu saía daqui com chuva mesmo e dentro da mata ninguém usava lanterna, não tinha! Fazia uma tocha com bambu. O bambu queimava muito! O bambu era usado para ir até a igreja, na Palmeiras. Depois nós conseguimos uns alumínios que não queimavam.

Estou com 50 e poucos anos de folia, mas estou aprendendo ainda. A folia é igual ler a Bíblia, você está sempre aprendendo alguma coisa. Nunca sabe o que tem e cada vez que você lê um versículo tem uma interpretação diferente.

A folia daqui são quase todos da mesma família. O palhaço, ele agora está sendo mestre, é meu filho, o tocador de acordeão é meu irmão. A que está saindo com o triângulo é a minha neta, que está com 9 anos. É a geração Gasparelo!

ÂNGELO GASPARELO
(04/01/1955)

DENICIA LEAL GASPARELO (25/06/1963)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul

Nós chegamos aqui na Serra do Farol em 1966. Meu pai se estabeleceu porque a gente trabalhava em colônia de fazendeiro. Ele queria comprar um pedaço de terra, mas para lá era muito caro. Onde ele pôde comprar foi aqui em cima. Comprou de um morador e nós viemos e nos estabelecemos aqui.

Ele (o pai) falou: “Olha isso, um dia, do jeito que o pessoal está caçando, os bichos vão acabar.” E ele decidiu: “Essa frente aqui, eu vou fazer uma reserva, vou deixar isso aqui, vou reservar e não vão caçar, não! Deixa os bichos criarem.” Em 1984, ele fez a reserva legal no cartório, na época do antigo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). Ninguém tinha feito isso aqui no sul do estado. Meu pai queria preservar! Ele era assim, uma pessoa que gostava dos bichos, dos animais. Ele queria preservar para não deixar acabar. Quando vinha um pessoal de fora invadir ele não deixava, queria vigiar. Depois, quando veio o Monumento, tombaram toda a área para ser reserva do estado.

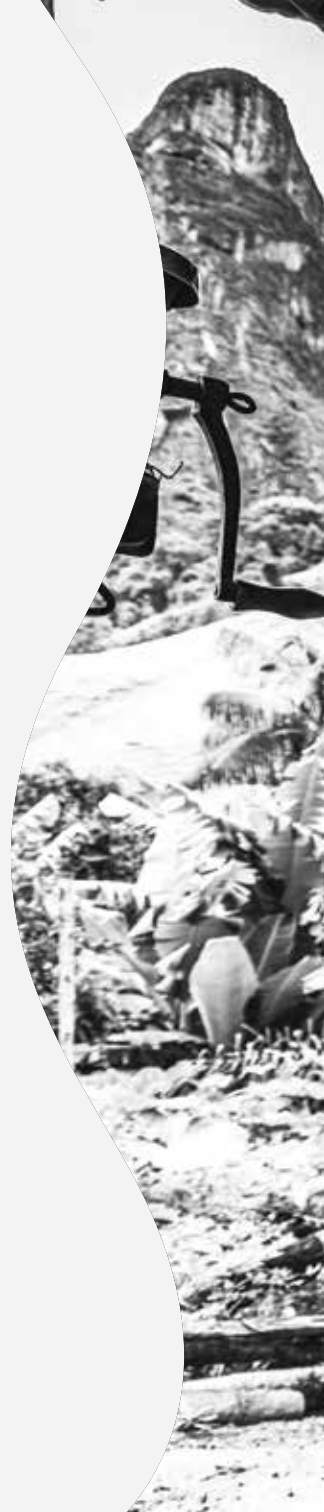
A gente precisa daqui. Meu pai sempre lutou muito nesse negócio da preservação. Mas a gente tinha um problema: pessoas de fora invadiam, pegadores de passarinho, caçadores... Aqui, não são as pessoas do lugar que vão acabar, que estão matando. O problema são as pessoas de fora, de lugares que a gente nem sabe. Depois que virou Monumento esse pessoal se afastou, então ficou mais tranquilo.

Vamos supor que a gente mudasse daqui e fosse embora, deixasse aqui só como reserva. Ah, meu amigo! Daí a pouco, você sabe muito bem, o cara vem de fora, invade tudo e acaba degradando.

Então, nós estamos aqui, esse tempo todo... fez 58 anos. E a gente tá aqui nessa luta até hoje, né?

ANTÔNIO GASPARELO "TOTONHO"
(07/09/1962)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul







Eu nasci aqui e sou batizada na Palmeiras. Nem tinha igreja, era uma casa onde celebravam.

Aqui não tinha comunidade igual hoje. Nos dias santos, era dia de fazer as ladainhas, as rezas. No dia de Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, tinha reza e as pessoas faziam uma festa muito animada. E aí saíam os forrós. Eles trabalhavam a semana inteira, mas quando chegava o sábado tinham que fazer o forrozinho deles. A gente, criança, ia junto, mas ficava cochilando enquanto eles dançavam até quase amanhecer o dia.

Eu achava muito engraçado o dia de embarrear as casas. Hoje é tudo laje, mas antes as casas eram de estuque, de barro. O mutirão para embarrear era uma festa! Tinha comida à vontade e aquela farra! Os homens ficavam todos “embarreados”, porque tinha que ter um de cada lado para jogar a bola de barro de um para o outro e bater nas paredes. E quando um acertava o outro? Acertava mesmo! Mas eu acho que era só pela brincadeira.

Antigamente, para você ver um carro subir aqui era muito difícil. Vinham mais caminhões, para apanhar banana, café e madeira, só isso. E quando alguém ficava doente tinha que levar no lençol. Enchiam um farol de querosene para clarear o caminho e levavam as pessoas. A gente comprava aquelas latas de querosene e quando começava a acabar já ficava triste. Vamos ficar no escuro!

Eu falei com meu neto, que já está grandinho e vai começar a estudar: “Vocês têm que agradecer a Deus, porque hoje as coisas estão muito fáceis. O carroto passa ali e, no nosso tempo, tinha até boi que corria atrás!”

IVONETE FURTADO DE ALMEIDA

(24/12/1960)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul

Eu nasci lá no Moitão, perto do Manoel. Eu morava naquela casa e vinha estudar na Fazenda da Providência,

lá para cima da Fortaleza. Todo dia a gente saía às quatro horas da manhã. Aquele alto do Arataca, subindo para Santa Maria, era tudo mata virgem. Não tinha estrada, só um caminho.

Eu saía do colégio ao meio-dia e ia embora a pé. Chegava em casa, almoçava, pegava a enxada e ia para a roça. Só saía de lá quando já tinha estrela no céu! Era o horário que meu pai chamava. Às quatro da manhã, já estávamos na estrada para estudar. Fiz até a quarta série de lamparina!

Meu pai era sistemático! Graças a Deus, morreu com 94 anos e não deixou um tostão de dívida! O que ele ensinou nós aprendemos. Ele dizia: "Vocês botem o chapéu onde conseguem pegar com a mão. Não botem no lugar onde precisam "futucar" com pau!"

Eu falo isso para o meu filho (Juninho) e ele segue esse caminho. Por isso estamos juntos, graças a Deus. Meu filho estudou em Marapé (Atílio Vivácqua). Trabalhava comigo na roça até o meio-dia, depois pegava o animal, montava e ia para a Fortaleza. Parava no Sumidouro para pegar o ônibus e ir para o colégio. E ele nunca ficou reprovado. Quantas vezes esse menino subia à meia-noite, debaixo de chuva forte! Aqui, quando chove, venta muito. Tinha dia que eu só dormia depois que ele chegava.

O Monumento é muito bom! Para mim, é ótimo! Sabe por quê? Antes dele era uma pouca vergonha. Igual dessa vez que teve fogo, eu fiquei triste. Antigamente, antes do Monumento, nenhuma serra ficava sem queimar. Conheci essa serra aqui com mata virgem. Todo ano queimava e acabou matando tudo. Hoje, graças a Deus, já virou mato outra vez.

Da onça, até falo que tive sorte com ela. Porque ela podia ter me pegado!

ROOSEVELT DO ESPÍRITO SANTO CÂNDIDO "SR. RUI"

(28/04/1945)

Candura / Muqui







Eu já vim casada, né? Nós viemos, fomos morar lá em cima, um capoeirão que só Jesus.

Então, quando a gente veio, passamos muito sofrimento, mas, graças a Deus, foi um sofrimento de alegria. Quantas vezes a gente saía lá daquele alto, eu e ele (Sr. Manoelino), para trabalhar lá no Gromogó para apanhar café, para poder defender as coisas que a gente vivia. Mas sempre juntos. Graças a Deus. Ficamos cinquenta e nove anos de casado. Separou porque Deus tirou, a separação nossa foi essa.

O pessoal (do IEMA) chamava e vinha conversar com ele. Faziam reunião e a gente descia para participar. Reunião até de produtor de banana, até disso ele participou.

Ele não deixava fazer nada lá em cima. Não deixava tirar madeira, não deixava tirar um cipó, não deixava caçar. Remédio (agrotóxico) na região nossa, ele não deixava! O povo ficava doido. Eu falei assim: “Manoelino, a realidade é essa. Nós não podemos beber água do remédio. Nós temos que beber água limpa, água da nascente. A nossa água é da nascente!”

Então, quando foi a época de não limpar os forros d'água, ficar cinco metros de cada lado, ele respeitou. Quando eu vendi, eu falei com o Carlos: cinco metros de distância não podem usar! E eu fui lá e estava mesmo.

E eu gostava daquele lugar. Gostava e gosto! Eu amo aquele lugar. Aquele lugar foi o princípio da vida da minha família...

MANOEL RIBEIRO ROSA
IN MEMORIAM
(02/09/1939) (01/03/2020)

ROSALINA MARIA BARBOSA ROSA
(30/08/1940)

ISOURINA BARBOSA ROSA (02/04/1965)
SILVIANE ROSA MENDES (14/10/1987)
MARVYLLA MENDES NATIVIDADE (07/11/2023)

Distrito de São José das Torres / Mimoso do Sul

Eu cheguei aqui em 76, com 17 para 18 anos. Nós viemos para puxar madeira, tirar dessas matas. Eram 15, 20 juntas de boi trabalhando. Isso durou mais ou menos uns cinco anos.

Na época, lá por 1980, eu comecei a levar gente que ia fazer retiro com os padres. O padre Érico vinha sempre e fazia piqueniques lá para cima. O povo juntava a juventude e todos iam para lá. Os padres ficavam e rezavam duas missas em cima da pedra, depois iam embora.

E, agora, em 2018, a gente começou outra coisa. O Cristiano falou: “Rapaz, vamos abrir uma trilha! Você me ajuda? Tô querendo mexer com a trilha lá, porque vão vir os caras (equipe do MONAST) para ver se registram a trilha, mas ninguém quer me ajudar.”

Era só registrar para poder liberar. Aí me chamaram para fazer uns cursos. O curso era de graça, então a gente começou. Fomos para Atílio, Fortaleza, e eu até fui parar no Caparaó. Fiquei uns cinco dias por lá!

Agora vem gente quase todo mês, ou de dois em dois meses. Um cara me ligou e disse: “Quero ser atendido na sua casa, porque gosto de quem conta as coisas.” Eu falei: “Rapaz, eu também sou meio tímido! Não sou muito de conversa, não!”

Quando começo a subir a mata, já faço uma oração pedindo licença. A mata tem os problemas dela, então a gente tem que pedir licença. Tem os bichos que andam por lá!

Eu gostei da montanha. Sempre mudava daqui, ia para a baixada, rodava por lá, mas acabava voltando. Até que Deus ajudou e a gente conseguiu pôr essa terrinha aqui. E nós estamos aqui. Agora, daqui, só encaixotado, né?

JUCI PEREIRA DE ALMEIDA
(22/01/1959)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul









A gente tinha um grupo de artesanato com fibra de bananeira. Os homens riam disso! Depois eles começaram a perceber que realmente era verdade: que a gente vendia a banana por uma mixaria, muito pouquinho. A gente começou fazendo o artesanato e começou a ampliar. Mandava pra Casa Cor em São Paulo, para Vitória, Rio de Janeiro e ia para várias feiras.

A banana que nós vendíamos na época, dá até graça de falar, era 50 centavos uma caixa com 25, 30 quilos de banana e aí, no mercado, já era quase 5 reais.

Fazia com uma bananeira, claro que é tirado seis tipos de fios, um diferente do outro, vários produtos. Então, com uma bananeira conseguia produzir uma almofada de 30 reais, na época, e foi evoluindo. Ganhava muito mais do que com a banana. Aí perguntaram se a gente topava fazer uma encomenda grande para o Banco do Brasil de São Paulo, que queria prestigiar os funcionários. Aí encomendaram jogos americanos, era muito. Mais de 600 pares! Eu falei: “nós não vamos dar conta!” Mas nós fizemos as contas e daria uns 6 mil reais. Aí nós falamos: “vamos pegar e dividimos”. Pegamos e colocamos os homens para trabalhar também. Trabalhavam o dia inteiro e a noite fazíamos até 11 horas, meia noite.

Até hoje alguns não concordam muito de ganhar dinheiro dessa forma, com o turismo, com artesanato. Eles falavam assim: “aí, Totonho, tá só de boa nos pauzinhos tecendo?” Ele falava: “não quero nem saber, o que importa é o que vai pagar minha conta no final do mês!”

Nessa época cada uma, livre de toda despesa, tirava mais de 600 reais e nós não fazíamos 70 reais de banana. Mas foi ficando muito difícil, que os filhos foram indo embora, nós encerramos foi em 2002.

EDILZA GASPARELO
(20/01/1971)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul

O pai do Luizinho se chamava Antônio Bettero. Eu fui na casa dele e falei: “Ah, Toninho, você tem uns pés de coco Juçara aí?”

Ele me deu umas sementes e coloquei no viveiro. Fui lá na roça e plantei ali em cima. De lá, peguei mais sementes e fui plantando por aqui. Agora, graças a Deus, o jacu e o sabiá estão plantando. Aqui em casa é tudo palmito. Até na terra dos meus irmãos tem palmito que os passarinhos estão plantando.

Eu fui em algumas reuniões (da criação do MONAST), mas não participei muito. Sei que é de preservação. Inclusive, deve ter uns dois, três meses que pegou um fogo e queimou bastante. Nós ficamos quinze dias apagando o fogo. Todos os dias! Tem um vizinho nosso que deixou a gente fazer uma lagoa lá no alto do morro, para botar água para lavoura. E aquela lagoa salvou, porque ela tem setenta e cinco metros de comprimento, com mais de vinte de largura. O cara do helicóptero achou.

Uma semana sem dormir! O Cristiano chegou aqui e falou: “Dá para vocês irem lá ajudar a apagar o fogo?” Falei: “Agora! Já estamos indo!”

Subimos com as enxadas para lá. Tinha bastante gente ajudando. Se não, o fogo ia vir aqui. É muito triste! A gente não sabia se o fogo ia chegar na nossa propriedade, se ia queimar tudo. Se queimasse a lavoura toda, o que a gente ia fazer?

Esses morros daqui eu conheço todos. Antigamente, tinha esse negócio de puxar madeira e eu trabalhava com os bois. Eu subia nesses morros todinhos, quando não era para arar a terra.

Só que agora é diferente. Agora a gente planta árvores. Aqui tem muita árvore plantada que eu plantei. Tem sapucaia, tem óleo vermelho, tem peroba, tem aroeira. Tudo que eu plantei aqui no quintal.

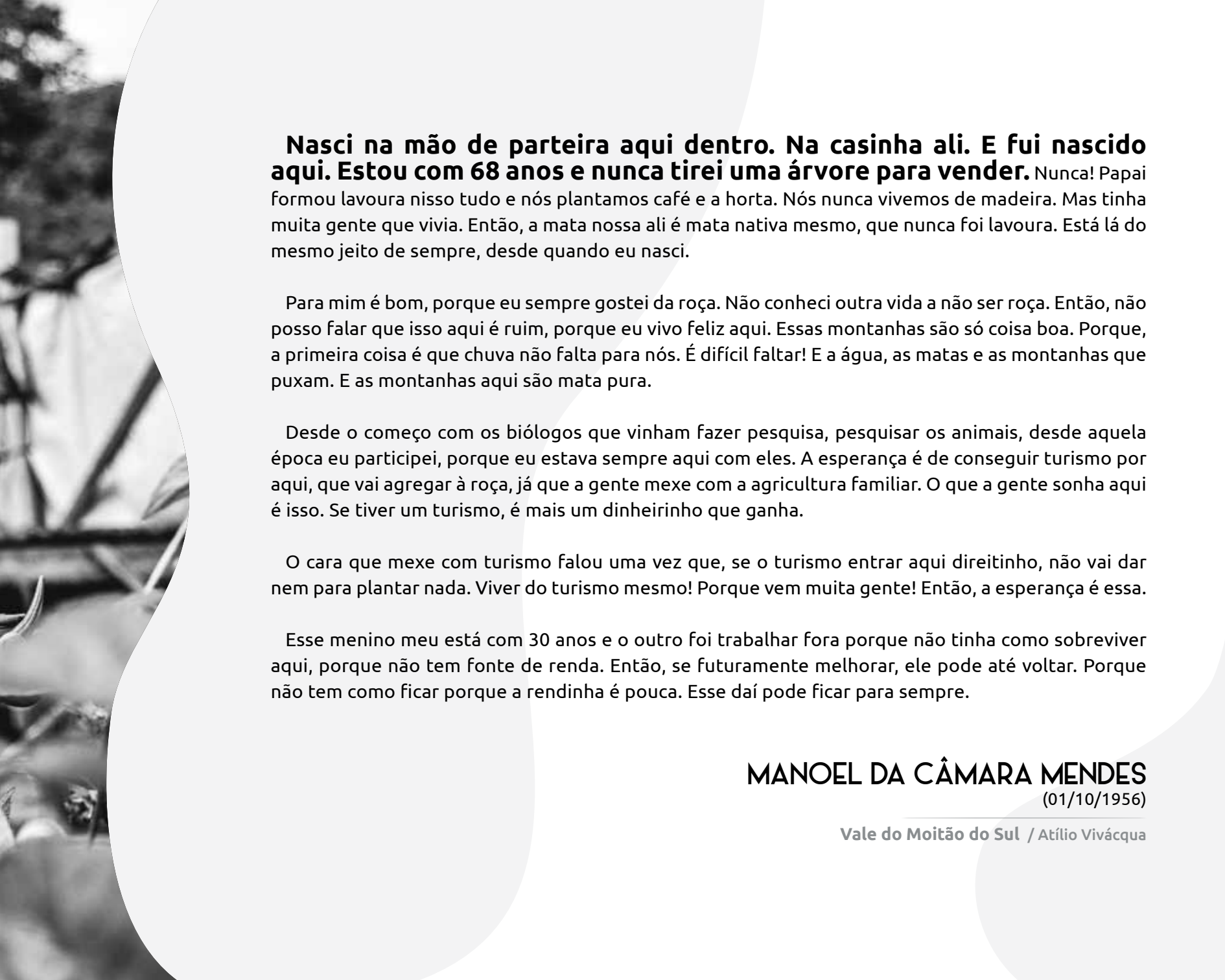
CLÁUDIO EVANES BETTERO CÂNDIDO

(13/09/1953)

Comunidade da Fortaleza / Muqui







Nasci na mão de parteira aqui dentro. Na casinha ali. E fui nascido aqui. Estou com 68 anos e nunca tirei uma árvore para vender. Nunca! Papai

formou lavoura nisso tudo e nós plantamos café e a horta. Nós nunca vivemos de madeira. Mas tinha muita gente que vivia. Então, a mata nossa ali é mata nativa mesmo, que nunca foi lavoura. Está lá do mesmo jeito de sempre, desde quando eu nasci.

Para mim é bom, porque eu sempre gostei da roça. Não conheci outra vida a não ser roça. Então, não posso falar que isso aqui é ruim, porque eu vivo feliz aqui. Essas montanhas são só coisa boa. Porque, a primeira coisa é que chuva não falta para nós. É difícil faltar! E a água, as matas e as montanhas que puxam. E as montanhas aqui são mata pura.

Desde o começo com os biólogos que vinham fazer pesquisa, pesquisar os animais, desde aquela época eu participei, porque eu estava sempre aqui com eles. A esperança é de conseguir turismo por aqui, que vai agregar à roça, já que a gente mexe com a agricultura familiar. O que a gente sonha aqui é isso. Se tiver um turismo, é mais um dinheirinho que ganha.

O cara que mexe com turismo falou uma vez que, se o turismo entrar aqui direitinho, não vai dar nem para plantar nada. Viver do turismo mesmo! Porque vem muita gente! Então, a esperança é essa.

Esse menino meu está com 30 anos e o outro foi trabalhar fora porque não tinha como sobreviver aqui, porque não tem fonte de renda. Então, se futuramente melhorar, ele pode até voltar. Porque não tem como ficar porque a rendinha é pouca. Esse daí pode ficar para sempre.

MANOEL DA CÂMARA MENDES
(01/10/1956)

Vale do Moitão do Sul / Atílio Vivácqua

O que aconteceu foi que essa ONG (Ipema – Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica) deu a ideia, vieram aqui e fizeram a reunião. Já tinham mais ou menos uma ideia da quantidade de hectares. Aí incluíram Mimoso, Marapé (Atílio de Vivácqua) e Muqui. Nós convocamos essas comunidades para participar da criação.

De fato, muita gente participou, de todos os três municípios. Centralizamos as reuniões aqui no centro, porque estamos no meio. Aí vinha o pessoal de Mimoso, o pessoal de Atílio e fomos discutindo. Tudo vinha preparado! E fomos votando e aprovando. Dava polêmica, dividia em grupo, sabe como é? O povo tinha muito medo de desapropriação no início. E tinha umas famílias com um conhecimento melhor e gente que não tinha senso de preservação.

Eu sempre gostei de preservar e sempre via que tinha alguma coisa especial aqui, mas não era aproveitado. Eu estou rodeado pelo Monumento, estou dentro mesmo. Aqui, Recanto e a Santa Maria, lá no Rui, é de onde sai a água para Atílio Vivácqua, Presidente Kennedy e uma parte de Itapemirim. Mas a fonte principal é aqui, no Recanto.

As comunidades rurais daquela época eram muito povoadas, depois despovoaram. Tinham as pessoas sabidas. Tinha um homem, ele até morreu, o Zé Carlos Caiado, o Cacá Caiado, lá de Atílio Vivácqua. O cara era um sábio!

Então, nós criamos (o MONAST) com a esperança de ter um portal, de conseguir uns artistas, de conseguir umas coisas, uns melhoramentos mais rápidos. É o que a gente espera! Inclusive, baseado nisso, saiu um monte de agroindústrias. Outra coisa era a esperança de diminuir os caçadores, diminuir os caçadores de passarinhos. Tem muita coisa que a gente esperava.

De vez em quando, trazer um artista bom, sabe? Fazer umas palestras boas, para conscientizar a população e para agitar!

ANTÔNIO RENATO BETTERO
(13/06/1954)

Comunidade da Fortaleza / Muqui







Aí, em 1990, eu fui convidado para fazer um curso, em Jerônimo Monteiro, sobre lideranças comunitárias. Porque, aparentemente, você conhece todo mundo. Você sabe o nome de todo mundo.

Mas quando eu voltei de lá, voltei pensando, com calma: “É, eu preciso de fato conhecer cada família que mora aqui!”

Então, elaborei várias perguntas, como: o que produzem, quantas pessoas são e comecei a visitar casa por casa. Todo dia eu trabalhava o dia inteiro. De tarde, pegava o animal e visitava duas, três casas, perguntando. Porque, se você não sabe quantas pessoas tem, quantas crianças, quantos jovens, adolescentes, analfabetos, alcoólicos, fumantes, você não tem por onde começar nada.

Na minha cabeça, eu pensava: “Eu preciso de fato saber quais são as dificuldades que nós temos, quais são os valores que temos e, a partir daí, o que a gente pode fazer.” Eu fui descobrindo problemas que eram comuns e que ninguém sabia. Meu vizinho tinha o mesmo problema que eu. Mas, no mundo dele, ele achava que era só dele. E eu, no meu mundo, achava que era só meu. E a gente estava a poucos metros de distância! Eram problemas que poderiam ser resolvidos juntos.

Aí, em 1991, nós montamos uma associação aqui. Na nossa primeira ata, um dos objetivos era preservar o que tínhamos de mata, as nascentes e combater o fogo, porque isso aqui era fogo todo ano.

Quando surgiu a ideia do Monumento foi muito agressiva, eu participei de várias reuniões. E aí as coisas foram clareando. Achei interessante, porque a gente passou a não ficar sozinho mais. Uma coisa é a associação de Palmeiras, do Farol, da Fortaleza, brigar e lutar por uma coisa. Outra coisa é lutar junto com algum órgão que tenha competência e sabedoria para estar do nosso lado.

Então, eu acho que o Monumento veio para somar com toda aquela preocupação que a gente já tinha.

JOÃO BATISTA MACHADO
(12/03/1971)

Comunidade de Palmeiras / Mimoso do Sul

Mas eu quero paz na minha vida, cuidando um pouquinho do que Deus deixou para a gente tomar conta! E para cuidar com carinho tem que estar lá perto!

Estando aqui agora, olhando em volta, o que tem aqui que pode atrapalhar a vida de um ser humano? Aqui só tem coisas para agregar: ar puro, água de nascente, uma paz que você não encontra em lugar nenhum. Então, cuidar disso aqui é mais que uma obrigação nossa. Gosto demais de fazer o que faço aqui!

Antes da criação, fui às reuniões para entender qual era o intuito do Monumento, o que significava. A princípio, o que a gente ouvia era que iam interditar todas as propriedades, embargar todo mundo.

Lá eu fiz minhas ponderações e fui entender, com base nas instruções do Monumento, que não era isso. Era proteger o ambiente, mas com a ajuda de quem mora ali. Falei: “agora sim, falaram a minha língua! Se é para proteger com quem mora aqui, eu estou de braços abertos para ajudar.” E ali a gente começou a se entender.

Meu café só chegou a esse ponto de ter qualidade graças ao Monumento. Não pela instituição em si, mas pela rocha. Porque estou de frente para o mar, mas numa região muito baixa para o café arábica. Porém, estou nas costas do sol da tarde, de frente para o sol da manhã e de frente para o mar. A brisa que vem do mar bate na montanha e se retém ali, criando uma atmosfera única na nossa região.

Comecei a mexer por aqui e, quando falaram sobre a viabilidade do turismo, percebi que havia potencial. Conhecemos vários pontos que as pessoas precisam explorar. Então, fui trabalhando essa ideia na minha mente. Hoje, eu guio o pessoal tanto aqui na nossa pedra (pico da Linda Aurora) quanto lá na Pedra das Caveiras.

FERNANDO BRITO ABREU
(30/11/1981)

Linda Aurora / Atílio Vivácqua









Fizemos muitas reuniões para convencer os produtores. Na época, eu estava como secretário de Agricultura e Meio Ambiente do município de Muqui. O pessoal tinha muito receio, mas havia um grupo interessado. Depois, teve uma audiência pública para validar e, felizmente, o Monumento foi criado.

A gente já trabalhava com fragmentos, sustentabilidade e proteção das nascentes. Lá em cima, tínhamos um receio grande, porque tem uma bacia que é um reservatório de água que precisava ser protegido. Agora estamos mais seguros. Isso reforça o que já sonhávamos e estávamos fazendo.

Aquela água ali, mesmo sem chuva, continua com volume. No inverno, o nível se mantém. Antes, quando a área era mais aberta, ficava com menos da metade. E quando chove, não dá enchente porque a mata segura a água. Esse é o grande benefício das áreas de proteção. Esperamos que algumas nascentes que sumiram reapareçam!

Acho que já está bem consolidado (o MONAST) atendendo às expectativas iniciais. E a população, inclusive os produtores, têm mais consciência. Quem resistia no início e achava que iria atrapalhar agora reconhece que está ajudando.

Hoje, as conversas giram em torno da preservação e de uma agricultura sustentável. O mercado de consumidores de café exige isso. E, com o Monumento, isso agrega valor.

Além disso, acredito que o turismo tem potencial. As pessoas gostam de visitar! Tem monumentos, pedreiras, cachoeiras... tudo que atrai turistas! Para quem produz aqui, isso também agrega valor. O público valoriza o fato de haver proteção ambiental.

Dentro da certificação, além do orgânico, temos o *Fair Trade*, o comércio justo. O consumidor, principalmente da Europa, paga mais, mas quer saber como está o produtor e o meio ambiente. Eles analisam tudo: ambiental, social e econômico. Todo ano, há uma auditoria para verificar isso.

LUIZ CLÁUDIO DE SOUZA
(03/12/1955)

EDINEIA DA SILVA CASTRO (26/04/1979)

MARIA DO CARMO DA SILVA CASTRO (20/07/1953)

MARIA DA PENHA VARGAS (06/11/1966)

Eu trabalhei por aproximadamente 22 anos em São José das Torres.

Aí teve a baixa de um professor na área de ciências e busquei uma especialização em ciências da terra, voltada para biologia. Essa especialização me deu o leque para que eu pudesse trabalhar ciências na sala de aula.

Eu era leiga com relação ao meio ambiente. Leiga mesmo! E comecei a me apaixonar ali, com o pessoal que estava fazendo o levantamento de campo, trazendo as pesquisas e mostrando. Aquilo foi abrindo em mim. Comecei a me envolver e a tentar envolver as crianças.

A partir do momento em que a gente viu o que era um Monumento, começamos a trabalhar o Monumento. “Vamos fazer Mimoso conhecer o Monumento!”, porque ninguém conhecia. E, até hoje, o grupo de pessoas que conhece é muito pequeno.

Enquanto professora, eu tentei, através dos meninos, trazer esse pertencimento. Eu tinha noção de que a educação ambiental ia trazer esse sentimento para o morador. E, uma vez que o morador tem esse pertencimento, no meu ponto de vista, ele protege. Ele não deixa que o estranho tire, que saqueiem o que tem ali.

A gente sabe que na flora temos uma gama de orquídeas e também sabemos que são saqueadas. Se eu tivesse condições, promoveria a educação ambiental. Eu divulgaria o conhecimento. Se eu tivesse o poder, efetivaria o MONAST para os munícipes como riqueza real. Para que todo mundo enxergasse o potencial que o Monumento tem. Não só para mim! Não só para o morador! Aquilo é uma riqueza para o mundo. É o futuro!

SELMA MARIA PALÁCIO
(21/10/1967)

SEBASTIÃO MIRES (26/09/1941)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul





Eu não vou conseguir falar um ano certo, mas desde criança meu tio Cristiano vinha com essas maluquices: “Ah, vamos fazer uma trilha na mata?”

Ele sempre me chamava para ir com ele. Aí a gente fez a trilha da Estrela d’Álva, que era uma trilha antiga e ele teve essa ideia de trabalhar com turismo aqui.

A maioria desanima a gente, né? Eu vou acampar hoje e já ouvi umas três pessoas falando que isso é bobeira, que eu perdi meu dia de serviço para ir acampar. Bobeira nada! Antigamente, quando eu ouvia uma coisa assim eu tinha vontade de desistir, mas hoje não!

E o meu trabalho já está dando frutos. Tem a reportagem da Gazeta, estou fazendo parte da pesquisa do *Philodendron*. Olha quanta coisa já tem! Meu projeto está quase pronto e, na hora que estiver pronto, eu vou ver o que o pessoal vai falar. Mas não faz diferença.

Eu quero ter como receber por minha conta e encaminhar isso para a montanha. Exercer outras atividades: camping e trilha bate e volta. Depois, quem sabe, fazer outras trilhas.

Uma atividade que faz bem para o corpo, bem para a mente e bem para o bolso ainda. Para que mais? Está ótimo assim! Eu gosto de trabalhar, mas fazer uma coisa que você gosta não é trabalhar!

Toda vez que você acha alguma coisa diferente, perde a noção do tempo! Eu vou acampar hoje, o sol deve nascer por volta das quatro e meia. Eu acordo às quatro horas, fico sentado e na hora que você se toca já são oito. Não tem nem comparação!

Eu sempre quis ter uma coisa minha e ainda mais aqui, numa unidade de conservação que preserva. Entrar nessa de preservar também, o meu nome só vai ir cada vez mais longe, junto e fazendo uma coisa positiva é bom demais.

LUAN CORDEIRO BORTOLOTTI

(25/03/2005)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul

Como antigamente a gente saía pouco e ficava muito tempo em casa, não dava para conhecer as montanhas de perto. Eu fui conhecer a região do Monumento em 2006, quando comecei a estudar em Torres. Ainda não era unidade de conservação, nem se falava e não tinha ação. E aí fui conhecer mais de perto e fui conhecendo algumas pessoas que moravam ali naquele vale de Torres.

É curioso que a primeira vez que eu cheguei e vi de perto, tive uma dimensão maior da mata até chegar à base da pedra. Tinha alguns quilômetros e todo aquele mosaico de mata, de cachoeira, de água, de fauna e de flora!

Para mim era um monte de pedra azul, bonito, não é isso? Simplesmente um monte de pedra azul. Não tinha dimensão de tamanho.

Terminei o ensino médio em Torres, fui fazer faculdade em Cachoeiro e fui me aprofundando no Monumento por conta da pesquisa. Foram 15 dias em cada município.

Quando você pega uma armadilha fotográfica e fica no computador vendo as imagens, é o tipo de coisa que me dá um sentimento inexplicável. A onça-pintada, que o último registro tinha sido há quase três décadas atrás e, de repente, quando eu chego para buscar uma armadilha fotográfica, o bicho se deitou em frente à armadilha e ficou mais de vinte minutos.

Eu tenho gratidão por conseguir trabalhar numa área que eu gosto e que tem tanta riqueza de biodiversidade e cultura! Você vai de um lado que tem o pessoal da folia de reis, do outro é um pessoal que tem um milho crioulo, uma diversidade muito grande, tanto de fauna e flora, quanto de cultura local dos três municípios. Então, sou bem grato de trabalhar numa área tão rica assim!

RAFAEL DOS SANTOS

(26/01/1993)

Mimoso do Sul







Muito mais do que eu, que já estou velho, nós temos que fazer um trabalho nesse Monumento para divulgar, para trazer pessoas para cá,

para colocar as pessoas que moram, pelo menos nós aqui do entorno, focadas na preservação. Aqui tem uma mata muito grande que tem quase 50 anos que ninguém tira um pau de dentro, um cipó. A quantidade de área verde que tem aqui, a quantidade de planta que tem! Esse Monumento é muito lindo!

Aí tem o projeto dos passarinhos que a gente tenta criar com os vizinhos e outras pessoas que se interessem. Isso é contagiante, tá? Contagia! Por exemplo, o negócio de passarinho em gaiola tem que acabar! Esses pássaros, muitos deles chegam aqui sem voar, só andam no chão, eu até boto comida no chão para eles na fase inicial. É um negócio muito triste. Aquele papagaíinho que está com a asa maior chegou em uma caixinha que dava vontade de chorar. Chega pássaro aqui em situação muito ruim, em gaiolas muito pequenas, muito sofrimento, é impressionante! Esse é o projeto, a ideia de ver isso aqui cheio de passarinho e aumentando...

O Monumento é uma coisa muito preciosa que nós temos aqui! Temos que transformar num lugar de visitação, num lugar de esporte, num lugar de lazer e, principalmente, num lugar de educação. Ou seja, o Monumento tem que ser um professor para toda a comunidade aqui no entorno. As crianças que nós estamos educando, não querem mais pegar passarinho e botar em gaiola, não querem fazer covardia com bicho, não querem caçar! É essa turma que vai transformar esse Monumento!

CARLOS RENATO SANTANA

(30/11/1954)

Comunidade de Flecheiras / Mimoso do Sul

O Monumento Natural é um presente que pouquíssimos têm a noção de que a gente tem uma riqueza tão grande no fundo do quintal.

Tem uma frase de Manoel de Barros que fala: “meu quintal é maior do que o mundo” e o nosso quintal é muito grande. Muito rico! Muita gente não sabe o que a gente tem ali, pertinho da gente. É uma riqueza muito grande! São José das Torres vive da água que vem da Serra das Torres e muita gente depende daquilo, vive daquilo sem saber. “Ah, eu não dependo daquilo e não gosto de meio ambiente, eu não gosto de montanha, eu não gosto de caminhada e não dependo daquilo para nada!” Mas ele não sabe que ali gera tudo. Se parar lá em cima, para aqui embaixo!

Eu queria muito que Torres tivesse uma associação voltada para o turismo. A mulher abre a cozinha e faz uma comida. Vamos servir o almoço, o outro vai oferecer uma estadia, um cama e café... E aqui já teve o trabalho com a bananeira. As mulheres que faziam brincos e artesanato. Eu queria muito isso! É riquíssimo o nosso lugar!

Se tivesse uma estrada bacana, uma estrada legal, quem não ia almoçar lá em cima hoje? Tomar um café e ficar vendo a vista lá de cima! Um sonho meu, da Selma e do Cláudio era um portal na chegada do Caju. Um portal com uma silhueta da Serra das Torres. Ali você está adentrando ao MONAST. Imagino com uma guarita vendendo os doces, uma compota com selo da Estrela d’Alva, do MONAST! Aí junto eu te dou um panfleto de um guia que vai te levar na Estrela d’Alva o dia que você quiser, junto com uma estadia de um cama e café. Olha, você pode vir com a família, tem onde ficar, a estrada está boa. Claro que dá certo!

DANIELLE VARGAS RODRIGUES

(07/07/1984)

Distrito de São José das Torres / Mimoso do Sul

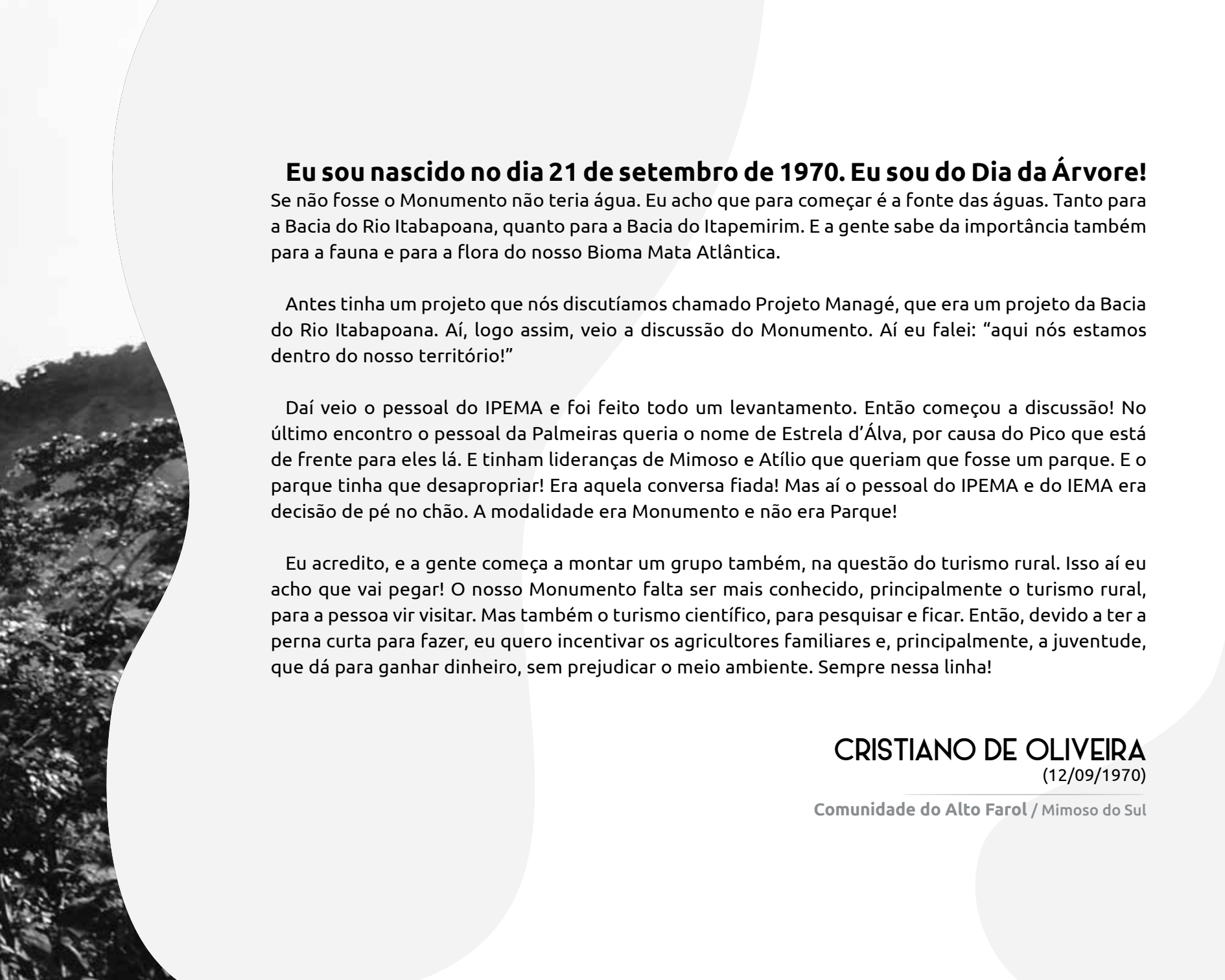






**SERRA DAS
TORRES**

**MONUMENTO
NATURAL**



Eu sou nascido no dia 21 de setembro de 1970. Eu sou do Dia da Árvore!

Se não fosse o Monumento não teria água. Eu acho que para começar é a fonte das águas. Tanto para a Bacia do Rio Itabapoana, quanto para a Bacia do Itapemirim. E a gente sabe da importância também para a fauna e para a flora do nosso Bioma Mata Atlântica.

Antes tinha um projeto que nós discutíamos chamado Projeto Managé, que era um projeto da Bacia do Rio Itabapoana. Aí, logo assim, veio a discussão do Monumento. Aí eu falei: “aqui nós estamos dentro do nosso território!”

Daí veio o pessoal do IPEMA e foi feito todo um levantamento. Então começou a discussão! No último encontro o pessoal da Palmeiras queria o nome de Estrela d’Álva, por causa do Pico que está de frente para eles lá. E tinham lideranças de Mimoso e Atílio que queriam que fosse um parque. E o parque tinha que desapropriar! Era aquela conversa fiada! Mas aí o pessoal do IPEMA e do IEMA era decisão de pé no chão. A modalidade era Monumento e não era Parque!

Eu acredito, e a gente começa a montar um grupo também, na questão do turismo rural. Isso aí eu acho que vai pegar! O nosso Monumento falta ser mais conhecido, principalmente o turismo rural, para a pessoa vir visitar. Mas também o turismo científico, para pesquisar e ficar. Então, devido a ter a perna curta para fazer, eu quero incentivar os agricultores familiares e, principalmente, a juventude, que dá para ganhar dinheiro, sem prejudicar o meio ambiente. Sempre nessa linha!

CRISTIANO DE OLIVEIRA

(12/09/1970)

Comunidade do Alto Farol / Mimoso do Sul

Aqui, graças a Deus, a gente sempre teve o privilégio de ter uma chuvinha, sempre.

Mas, mesmo assim, eu comecei a trabalhar na propriedade estabelecendo algumas prioridades. E uma delas foi essa: a preservação ambiental, cuidar do meio ambiente. Comecei a construir, peguei um financiamento daquele do Reflorestar e plantei essa cordilheira da preservação da água que tem aqui na divisa das duas propriedades. Ela era bem descoberta. Hoje não tem um palmo de terra descoberto mais. O que faltava para fechar, eu plantei 1.200 árvores. E nisso aí eu recuperei duas nascentes. Uma aqui embaixo, fazendo 20 caixas secas naquele corte de café, tem 10 subindo aqui e 10 cortando em cima. Esse foi um dos resultados favoráveis.

A gente se envolveu de uma certa forma com isso aqui (o MONAST). Na proposta, no pensamento e depois foi tudo assim bem planejado, bem discutido. No meu entender! E hoje precisa completar algumas ações que estão previstas. Mas, um dos pontos principais é a questão da educação para conviver. Para o futuro, por exemplo, isso aqui ser palco de onde uma pessoa pode nascer, crescer e viver em condições normais de vida. De bem-estar social, principalmente. E, naturalmente, que além de social, fazer parte também de um processo de sucesso.

De produzir alguma coisa dentro da área conforme foi concedido. Porque a unidade de conservação Monumento Natural Serra das Torres, ela permite que você tenha uma parte da sua infraestrutura de terra, de área, que seja utilizado como de uso alternativo.

Eu moro no coração da Serra das Torres, então a gente fala com muita emoção que com certeza a gente vai poder usufruir disso aqui sem prejudicar o meio ambiente, tranquilamente. A todo momento que você abre essa cortina de vidro você olha, a gente volta a pensar, aqui pode-se viver agora, nascer, crescer, produzir e se realizar. Realizar com sucesso, sem agredir o meio ambiente.

LUIZ ÂNGELO BETERO

(20/06/1947)

Comunidade Fortaleza / Muqui









CADA UM DANDO UM PASSO E TODOS CAMINHANDO JUNTOS

Uma das características de um Monumento Natural, além preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica, é a possibilidade de conciliar a conservação da natureza com as atividades humanas.

Para alguns, a relação entre comunidade e a conservação pode não ser viável. Mas a grande beleza do Monumento Natural é justamente o contrário, não são forças opostas, são forças que se somam e se complementam.

A presença de uma unidade de conservação nada mais é do que uma oportunidade para a participação e a discussão de um futuro mais íntegro e sustentável da região, envolvendo o poder público e a sociedade civil, para um olhar mais amistoso entre todos os atores e essa riqueza natural capixaba.

Palavras como educação para convivência, educação ambiental, turismo e parcerias, estão presentes nas falas e evidenciam que os caminhos futuros entre a unidade de conservação e as comunidades do seu entorno são promissores. O Monumento Natural Estadual Serra das Torres, apesar de ter sido criado em 2010 e muitas expectativas não terem sido atendidas, ainda tem uma longa caminhada. Nesta jornada, a cada passo chega-se mais perto do objetivo comum que é o bem-estar coletivo e a conservação da natureza.

N222p Narciso, Lauro da Cunha, 1982
Guardiões do Monumento Natural Estadual Serra das Torres
/ Lauro da Cunha Narciso. Espírito Santo: Editora Naturalistas,
2025.

64 p.: Il.

ISBN 978-85-60183-07-4

1. Ecologia humana – Espírito Santo 2. Serra das Torres. Espírito
Santo 3. Guardiões do Monumento Natural – relatos sobre modo
de vida. Título II. Narciso, Lauro da Cunha.

CDU 504.75(815.2)



Parceria



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria do Governo